

**Processo Seletivo de Mestrado 2020/1**  
**Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas**  
**Questões e Gabarito da Prova de Conteúdo**

1. “Narrar [...] o que sucessivas gerações de brasileiros e estrangeiros deixaram registrado sobre Zumbi tem um atrativo mais sedutor: permite conhecer um pouco sobre as relações que a sociedade brasileira, ao longo dos séculos, manteve com o enorme contingente de negros e mestiços que desde cedo a compôs. Mais do isso, uma história com tais contornos dá ao leitor oportunidade de constatar como aquilo que se tem denominado ‘verdades’ acerca de Zumbi e de Palmares variou substantivamente de acordo com os anseios, aspirações e ações, ou seja, com as formas de vida e os quadros de referência adotados pelas sociedades que se constituíram no Brasil ao longo de pelos menos quatro séculos” (FRANÇA; FERREIRA, 2012, p. 11-12). Reflita sobre o excerto retirado da obra *Três vezes Zumbi: a construção de um herói brasileiro*, e analise as variadas ‘verdades’ construídas acerca de Zumbi e do Quilombo de Palmares entre os séculos XVII e XXI.

**Chave de resposta:** O candidato deverá pautar sua resposta nas seguintes discussões:

- Apresentar o *corpus* documental existente acerca do evento, demonstrando as lacunas e as limitações das fontes no intuito de historicizar a personagem Zumbi e o próprio Quilombo de Palmares.

- Refletir sobre a historiografia referente a Zumbi e ao Quilombo de Palmares a partir das três linhas hegemônicas de apropriação do evento:

1ª linha: “Ao longo dos seiscentos e setecentos, o quilombo despertou grande interesse e mereceu a atenção de muitos letrados do período, holandeses e portugueses. O Palmares construído por esses homens culturalmente brancos e ligados à administração da colônia tem contornos militares e administrativos [...], [e] mereceu atenção na medida em que se tornara um foco permanente de instabilidade para a sociedade colonial, uma sociedade baseada na mão de obra escrava” (FRANÇA; FERREIRA, 2012, p. 149).

2ª linha: “O século XIX inaugura a segunda linha de tradição na construção de Zumbi e do quilombo de Palmares, linha que terá adeptos até, pelos menos, a metade do século XX. Os criadores dessa linhagem, envolvidos com a condução dos destinos do país e crentes na superioridade da denominada civilização europeia, insistiram numa ideia mestra, muito ao gosto de seu tempo: Palmares era um foco de barbárie africana a ser combatido, era um empecilho ao avanço da civilização que os colonizadores estavam introduzindo nos trópicos. O Zumbi criado por esses homens só tinha algum préstimo na medida em que valorizava o feito do grande herói das batalhas contra Palmares, o paulista Domingos Jorge Velho” (FRANÇA; FERREIRA, 2012, p. 150).

3ª linha: “[A segunda linha hegemônica de apropriação] gradativamente [deu] lugar à terceira linha de tradição na construção de Palmares e Zumbi, aquela de coloração marxista e contestatória. [...] Zumbi é consagrado aí como líder revolucionário por excelência, capaz de abalar as bases sociais de sustentação das classes dominantes que se estabeleceram no Brasil desde o período colonial. Desse herói de classe derivou, com contornos muito próximos, o herói dos oprimidos, o herói da raça negra e, mais recentemente, um herói gay, um herói das minorias” (FRANÇA; FERREIRA, 2012, p. 151).

- Dissertar sobre a íntima associação entre as múltiplas interpretações construídas sobre Zumbi e o Quilombo de Palmares e as diferentes condições sociais dos africanos e afro-brasileiros na sociedade brasileira que perpassa os séculos XVII e XXI.

2. Ao realizar seu ensaio teórico sobre as relações estabelecidos-*outsiders* na cidade de Winston Parva (nome fictício), localizada na Inglaterra, Norbert Elias e John L. Scotson estranharam ao verificar que os habitantes de uma das ruas dessa cidade se julgavam imensamente superiores aos de outra. Esse estranhamento, fez com que os autores formulassem duas perguntas-chave para a compreensão do fenômeno.

As duas perguntas feitas por Elias e Scotson compõem, também, base da questão para esta prova:

– *O que induzia as pessoas (de uma das ruas de Winston Parva) a se colocarem como uma ordem melhor e superior de seres humanos? Que recursos de poder lhes permitiam afirmar sua superioridade e lançar um estigma sobre os outros, rotulando-as como pessoas de estirpe inferior?*

**Chave de resposta:** o aluno tem de ser capaz de analisar o processo de distinção entre estabelecidos e outsiders avaliando a experiência social de um indivíduo e a dimensão nacional da vida social. Neste sentido, Elias e Scotson irão falar de alguns aspectos: tempo de residência no lugar – que conferia a alguns a “antiguidade” da associação – implicando na criação de um grau de coesão grupal, identificação coletiva e normas comuns capazes de induzir à euforia gratificante que acompanha a consciência de pertencer a um grupo de valor superior. Sobre o estigma, Elias e Scotson consideram que para entendê-lo é necessário esclarecer a natureza da interdependência dos grupos (figuração formada pelos grupos). Essa figuração é um equilíbrio instável de poder e também pré-condição decisiva de qualquer estigmatização eficaz de um grupo outsider por um grupo de estabelecido.

3.

*“[...] a organização é a fonte de onde nasce o domínio dos eleitos sobre seus eleitores, dos mandatários sobre os mandantes, dos delegados sobre os que delegam. Quem diz organização diz oligarquia.”*

*Robert Michels*

O livro clássico *A sociologia dos Partidos Políticos*, de Robert Michels, publicado pela primeira vez em 1911, consagrou a chamada “*Lei de ferro das oligarquias*”. Apresente os principais elementos teorizados pelo intelectual alemão, nos quais afirma a tese segundo a qual qualquer organização complexa tende, inexoravelmente, à *oligarquização* de sua direção e à centralização burocrática.

**Chave de resposta:** Na questão, o candidato deve destacar que, em Michels (1982), uma reduzida elite dirigente tende a concentrar os poderes dentro da organização, confiscando a iniciativa e a participação dos militantes e autonomizando-se em relação ao restante do organismo partidário. Essa autonomia será tanto maior quanto mais os chefes consigam desenvolver aquele que é o maior recurso do poder das elites: a centralização burocrática, a concentração da estrutura decisória nas mãos de poucos funcionários e dirigentes remunerados pela máquina. Nesse sentido, a dedicação exclusiva dos dirigentes – que gera um determinado aprendizado/especialização institucional – a uma determinada organização é a principal

estratégia e, ao mesmo tempo, causa para essa centralização burocrática, e a elite terá mais força e autonomia internas na medida em que a máquina partidária se expanda e se complexifique.

4. Em seus artigos sobre a formação do império português, o historiador John Russell-Wood enfatizou a fragmentação existente entre as historiografias dos diversos espaços ultramarinos que compunham este império, e que esta historiografia, no seu conjunto, expressa perspectiva predominantemente metropolitana. Nesse sentido, discuta os pontos elencados pelo autor na construção de uma nova perspectiva de investigação historiográfica que leve em conta a articulação de complexas redes de navegação e comércio entre os espaços do Atlântico e os do Oriente, em cujo eixo constava a privilegiada posição dos portos de Salvador e do Rio de Janeiro e a abrangência global de suas economias em ambos os lados do Cabo da Boa Esperança.

**Chave de resposta:** Em seus estudos sobre o império português, o historiador John Russell-Wood percebeu a fragmentação existente entre as historiografias dos diversos espaços ultramarinos que compunham este império, além de esta historiografia, no seu conjunto, expressar perspectiva predominantemente metropolitana. Nesse sentido, o historiador propõe uma perspectiva que enfoque o papel dinâmico dos portos brasileiros de Salvador e do Rio de Janeiro (nos séculos XVIII até XIX) na articulação de complexas redes de navegação e comércio entre o espaço atlântico e o Oriente, tendo por elemento essencial a privilegiada posição das baías que abrigam estes portos e a abrangência global de suas economias em ambos os lados do Cabo da Boa Esperança. Como roteiro metodológico para a sua abordagem, Russell-Wood propõe uma linha de investigação que perpassa os seguintes elementos de análise: 1) uma governança civil; 2) os padres (em especial os jesuítas) como pontes entre os dois hemisférios; 3) a situação geográfica da costa brasileira em relação à “carreira das Índias”; 4) o estabelecimento de uma comunidade comercial luso-brasileira em Moçambique; 5) a disponibilidade de um produtivo parque construtivo de embarcações de longo curso na Bahia; 6) o intenso intercâmbio de trocas de plantas entre os dois hemisférios, tendo como ponto de permuta os portos brasileiros, que recebiam os navios que viajavam entre Portugal e os portos da Índia, bem como aqueles que transitavam entre o Brasil e os pontos de comércio em África e, por fim; 7) o impacto cultural do Brasil no Índico e no Oriente. Nesse sentido, pede-se ao postulante à vaga no Curso de Mestrado do PPGHIS que analise tal formulação através da articulação destes principais elementos de análise discutidos pelo autor. O artigo, em que o autor melhor define essa proposta de análise, se encontra no artigo “A dinâmica da presença brasileira no Índico e no Oriente. Séculos XVI-XIX” (p. 203-234), embora em outras partes do mesmo livro o autor trate de questões contidas no mesmo artigo, tal como a diáspora africana, o papel do Atlântico na formação do império ultramarino português e a importância do Brasil como sustentáculo deste mesmo império a partir do século XVIII.